

REESCRITA



Denilson Baniwa

REESCRITA

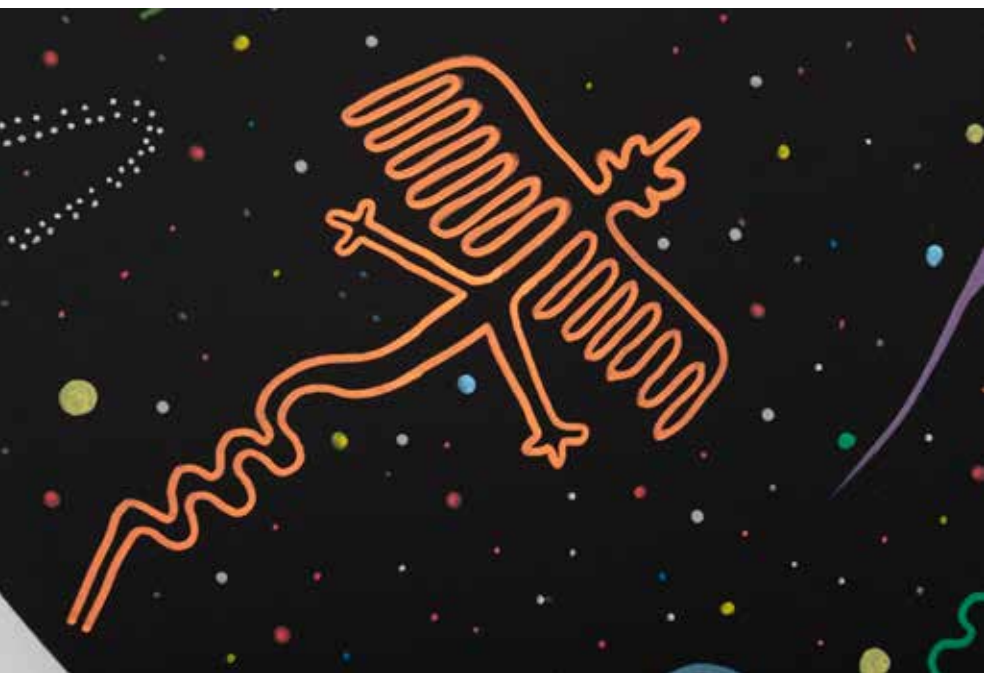
Denilson Baniwa



Barbie



Boca do céu







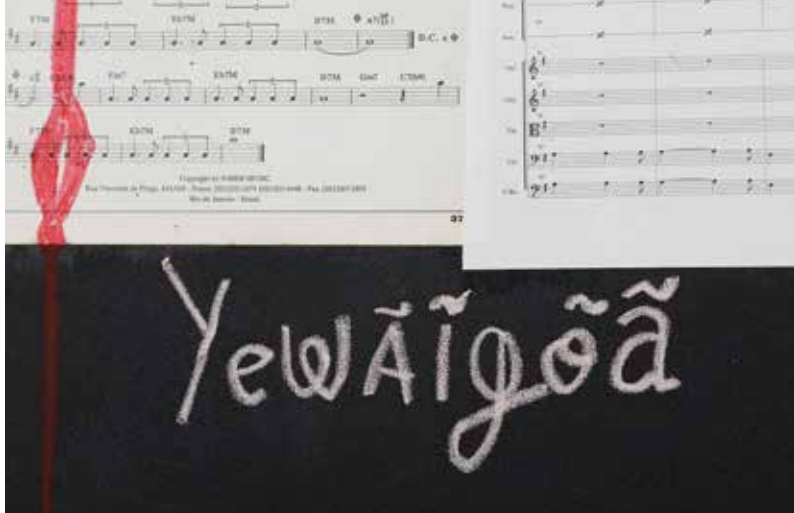




Brasil terra indígena







Cidade relâmpago



cidade relâmpago



Um momento de silêncio

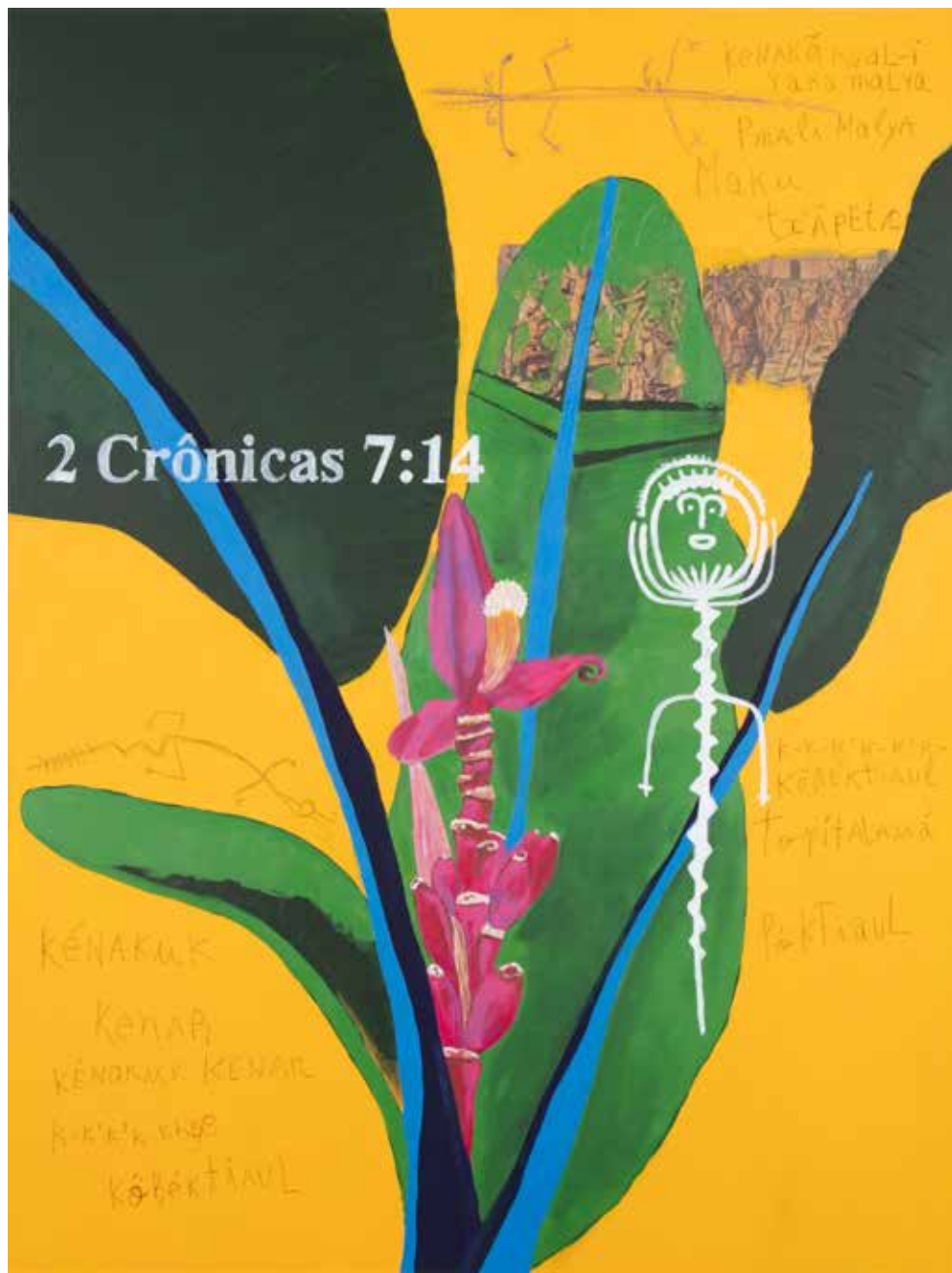
Olha pra você



Yewãĩgõã



2 Crônicas 7:14



KENAKUK

KENAP
KENDUKU KENAP
KUKUK KUP
KOKUKIUK

KUKUK KUP
KOKUKIUK
KUKUKIUK

KUKUKIUK

KUKUKIUK
KUKUKIUK
KUKUKIUK
KUKUKIUK

K-K-K'K-K'K-
KÖBÉKTIAUL
Topítalamá





Escola de pajés







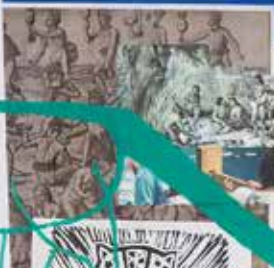
Estrangeiro





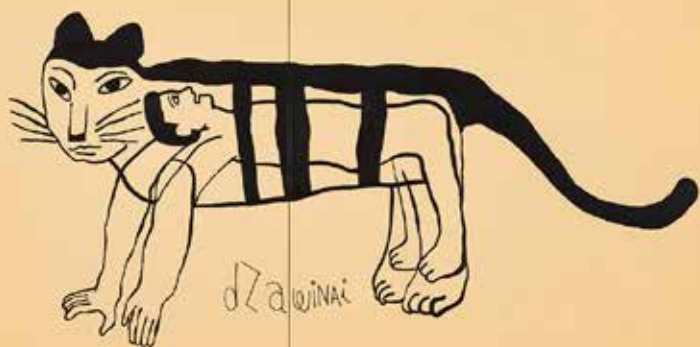


Gente onça blue



Gente que vira onça







História das onças



MAKIRITÁRIO
UMBEUSA





Polinização invisível









Itá





Mitológicas

- * MARUPIARA
- * PARANAUSSU
- * PIRÁITÁ
- * MOJECA
- * PIRAKUI
- * MOQUEADO
- * KINHAPIRA



poti

KAKURI

bon Appétit! PITÚ-PIRANGA







Moqueca de marido







Moquentá

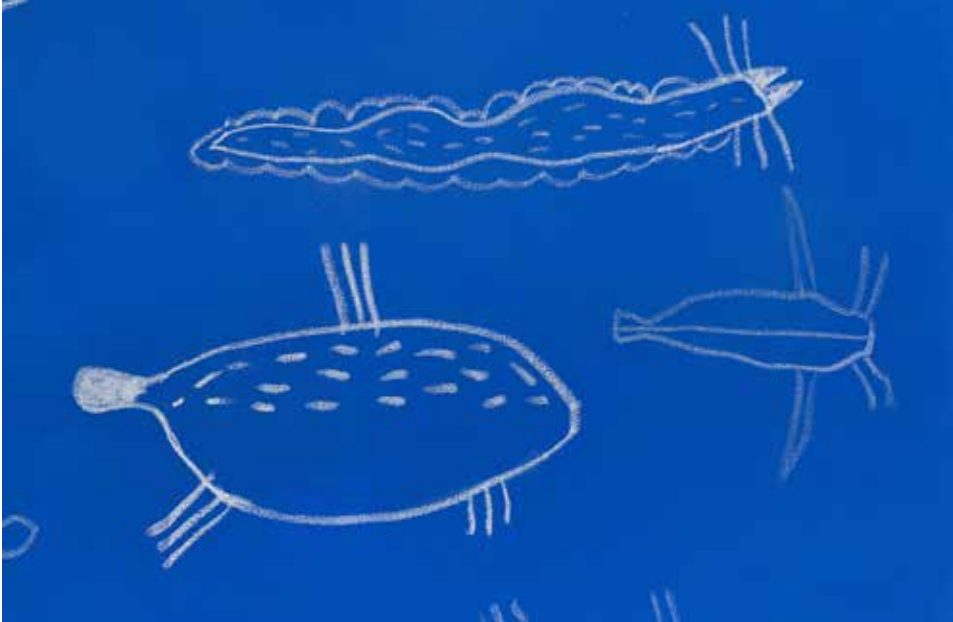






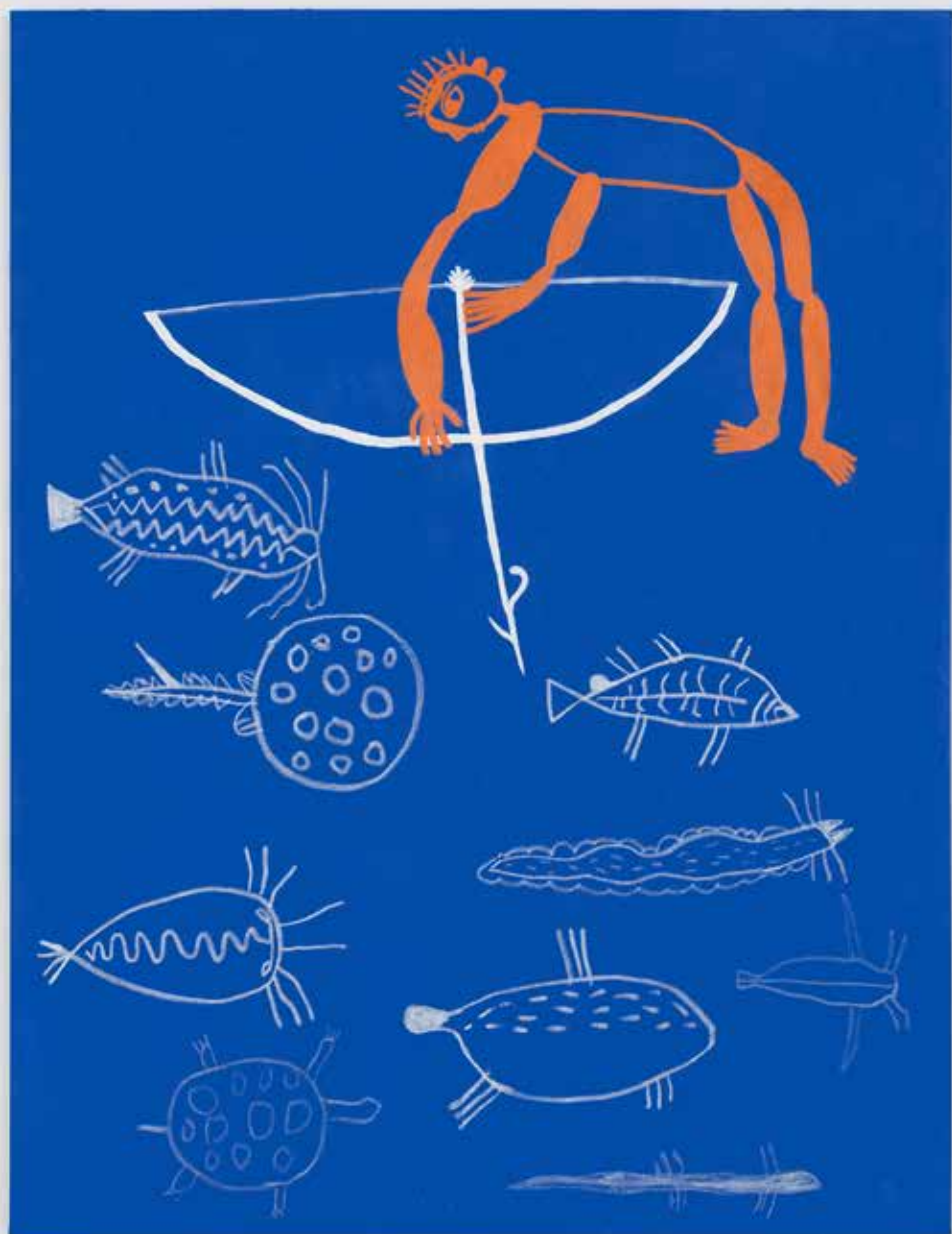
Muturísá





Pescaria







Piracema



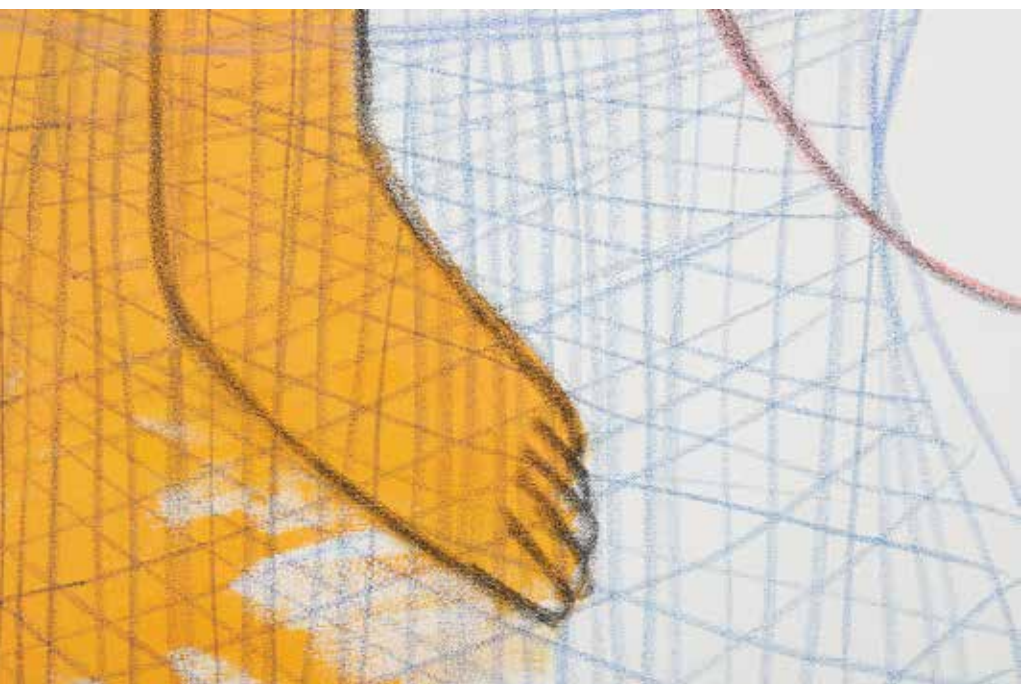


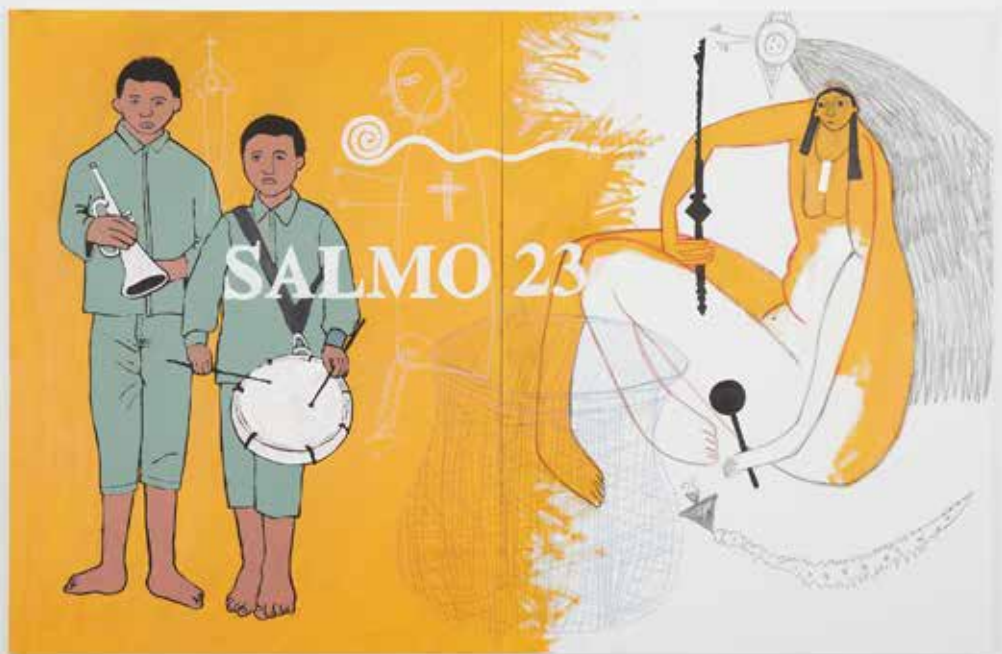


Roubo das flautas











Sussuarana





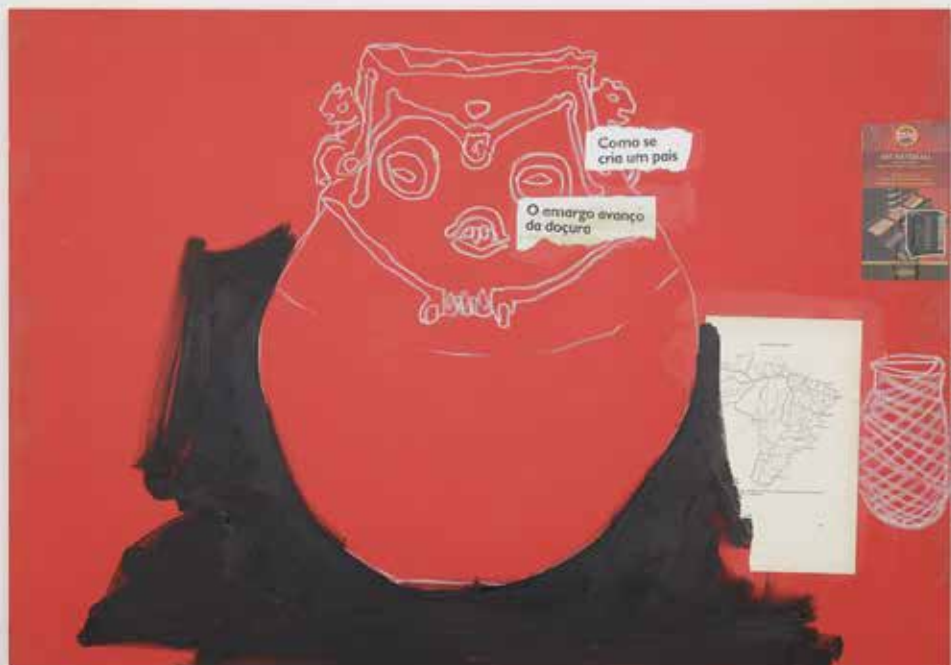
Indé Yang
PURANGAW





Tatá





Como se
cria um país

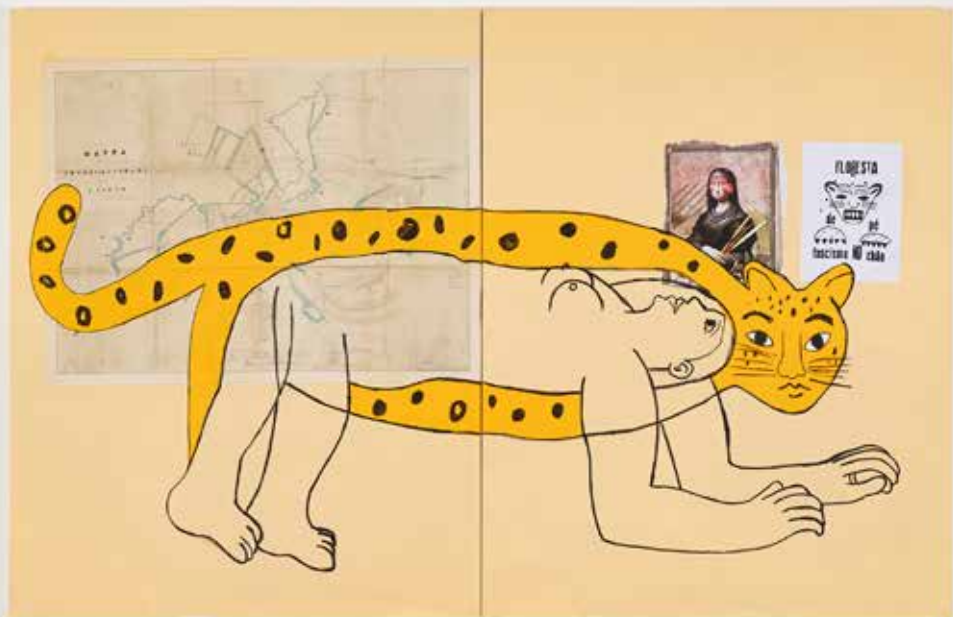
O estágio avanço
da docura





Yawarete







flashes in the sky of the memory

antes do mundo éramos todos bicho-gente
um planeta-comum para viver
e falávamos o mesmo idioma
humano, paca, anta, jaguaretê

antes do mundo existir
meu tio era sucuri
minha tia taóka
meu avô urubu-rei
minha avó poraquê
meu irmão era samaúma
minha irmã tauari
minha prima mandioca
meu primo buriti

a civilização branca
quebrou o ciclo que meu povo protegeu
pouco a pouco eu vi meu mundo ruir
hoje chamo atenção ao céu
onde as grandes árvores-mágicas
seguram histórias antigas
de quando elas alimentavam
as gente-bicho do mundo
eu, você, eles, nós
o tempo das nossas avós
não mais em pedras escrevo estas histórias-ancestrais
com uma máquina-branca que aperta a luz e cria um foco
eu escrevo histórias do meu povo na selva de pedra urbana

e lembro da minha avó-gente
e lembro da minha avó-bicho
as duas revelo nos arranha-céus
pedindo aos brancos: olhem para o alto
onde ainda não alcançaram com seus concretos
olhem para os galhos das árvores-mágicas
que alimentam meu povo
desde quando o mundo ainda não existia

enquanto joga o canhão de laser
que desenha histórias-quase-esquecidas
no meu fone de ouvido toca

reflex in the sky
warn you you're gonna die

assim como nas minhas veias cabe
o sangue da minha avó-jaguar
e da minha avó-humana
entre meus petróglifos modernos
cabe também black sabbath

kopheneue

a queda do céu como a malhadeira
na tensão superficial da água
invisível até a captura
no rádio do vizinho, zé canta:
"dos aviões que vomitavam paraquedas"
paraquedas cinzas e não coloridos como em
ideias para adiar o fim do mundo
dois mil e vinte se revelou alcoviteiro
querendo entrar em todas as conversas
dois mil e vinte covideiros
admirável mundo nória
pedi pra gata-maracajá escolher um anel
pro aniversário de beijo
ela quis valorizar o design nacional
olhei no site: divertido e fetichista
opa! é vivara
prata da casa contra um
golias que percorre o mundo
tendo como adversário um david
lutando com uma baladeira
preso num matapi pandora
como um peixe que não sabe nadar de ré
se debate fala e aponta para o alto
parem os matapis e as máquinas
ninguém liga, livros vendem
a floresta cai, o covid ri e diz:
"und ich leg meine welt, in deine welt"
"precisamos de um kopenawa mais comercial"

e antes que o gerente de marketing terminasse o pensamento
"jé suis davi kopheneue, monsieur"
disse um franco-germânico com cara e cheiro de mucura
a reunião na cartier acaba
começa a black friday na terra ianomâmi
anéis de ouro e diamante
pela metade do preço
de brinde farinha do uarini
cor de ouro do demeni



ReAntropofagia

era primeiro de maio de vinte e oito
dia de manifesto da fome do trabaiadô
só a antropofagia nos une, coração
em página reciclada de mato-virgem
desvirginou pindorama num falso-coito
urgências do artista-moderno-devorador
de pulmões, rins, fígado e coração
filé oswald de andrade à barbecue
tupy or not tupy, that is true
or that's future-já-passado
wirandé seu honoris-doutô
mário bom mesmo é o encanador
que faz assado de tartaruga
a arte moderna já nasceu antiga
com seus talheres forjados à la paris
faca, fork, prato raso e bourdeaux
páris que por fuck faz bobagem
se a arte indígena durará dez anos
eu quero ser aquiles: que será famoso
e morrerá antes de receber o troféu
na queda do céu ser estrela cadente
- pintou e bordou, dirão na cantiga
a arte-macunaíma no moquém
fará uga-uga com as mãos nos lábios
pois é um totem, um pau-de-sebo
onde ninguém consegue o prêmio
grêmio de colecionadores, ratos
brancos de laboratório estéril
onde pratos fake-antropofágicos

são menu para abutre-cinéreo
sério, nasceria de fórceps uma arte brasileira?
sem índios na canoa que falha-trágica
quero quem come com as mãos, alguém?
sem limites-geo e conectada à máter
ReAntropofagia posta à mesa nostálgica
é arte-indígena crua sem nenhum caráter
quando desta arte pau-brasil-tropical
não sobrar um só osso mastigado
sobrará o tal epitáfio como recado:
aqui jaz o simulacro macunaíma
jazem juntos a ideia de povo brasileiro
e a antropofagia temperada
com bordeaux e pax mongólica
que desta longa digestão
renasça Makūnaimî
e a antropofogia originária
que pertence a Nós
indígenas



Este livro é parte do projeto ECO, financiado pelo European Research Council (ERC) como parte do programa de investigação e inovação da União Europeia, Horizonte 2020 (bolsa nr. 101002359). Foi apresentado pelo autor no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra durante a XXVI Semana Cultural.

Título - REESCRITA

Autor: Denilson Baniwa

Tiragem - 100 exemplares

Impressão: FIG Indústrias Gráficas, SA

Edição: 1ª edição 2024

Editores: Colégio das Artes da Universidade de Coimbra
e Centro de Estudos Sociais, Projeto ECO

ISBN: 978-989-35425-1-4

Depósito legal: 526355/24

